

## homem-cavalo

UMA BOLEADA

PAULO FERNANDES

A gente acordou com a madrugada escura. Os homens carregavam serigotes e pelegos. Diligentes, encilhavam os cavalos, que de rédeas soltas batiam com as patas no terreiro. Curiosos, fomos para o meio das montarias. Aquilo era novidade, tudo diferente. Os homens conversavam, iam galpão adentro, escolhiam os pelegos à luz do fogo no chão e voltavam. Todos os animais tinham ali a mesma cor. Ouviam-se restos de conversa sobre o gado que devia ser arrebanhado antes que fugisse para o banhado. Mostraram para nós a estrela-d'alva, que sozinha, branca, gorjeava no céu.

Quando desviei os olhos de lá, vi que estava mais claro, e os homens se aprestavam a sair. Os cães faziam alarido saltando em redor das montadas. Foram indo, indo em grupos de três, quatro. Valentim saiu num cavalo preto. Passaram sob a estrela tornando-se vultos no lusco-fusco.

A pradaria esverdeava com lentidão. Ouviu-se novo late-late da cachorrada. Vinham pelo banhado da Sutéia quebrando silêncio. Logo apontaram tropa, tropeiros no alto da coxilha. O sol de cobre pintava o campo. Um touro esquivo encetou a fuga. Adernou em direção da canhada, rompendo a unidade da tropa. Valentim esporeou o preto e desabalou. Foi armando o laço de quinze braças e girando sobre a cabeça para o impulso final. Jogou. No campo verde, lustrado de sol nascente, a silhueta camurça do homem-cavalo e a rodilha baleando o vento rumo ao touro.